



METÁFORA NO PENSAMENTO E NA AÇÃO: LEGITIMANDO A DOMINAÇÃO  
(METAPHORS IN THE IDEOLOGY AND IN THE ACTION: LEGITIMATING THE  
DOMINATION)

Robson de Souza BITTENCOURT (Universidade Federal de Santa Catarina)

**ABSTRACT:** *This paper aims at developing a convergence between Cognitive Semantics and Discourse Analysis. Such a convergence is justified by the hypothesis that the scientific research developed by Cognitive Semantics - Lakoff (1987) - could be very helpful, if not essential, to the DA's enterprise, as developed by Fairclough (1994).*

**KEYWORDS:** *Cognitive Semantics; Experientialism; Discourse Analysis; Metaphor; Ideology;*

#### 0. Introdução

A partir da segunda metade deste século, a lingüística conhece uma forte influência da corrente gerativista, que afirma, entre outras coisas, fazer ciência natural, *hard science*. Pretende-se isolar aquilo que é exclusivo e característico da língua humana e tomá-la como objeto de estudo e tudo o mais que não for característico da linguagem não pertence ao campo da lingüística. A Análise do Discurso, a Pragmática, segundo esse ponto de vista, analisam dados fora do domínio da língua humana; pois a linguagem pertence a um módulo cognitivo separado e autônomo, embora seja restrito por outros módulos.

Nas últimas duas décadas, tem-se desenvolvido uma nova perspectiva de estudo da linguagem chamada Lingüística Cognitiva, que tem como núcleo a Semântica Cognitiva (doravante SC). A SC tem como marco a publicação de WFDT (Lakoff, 1987), livro em que Lakoff propõe uma semântica baseada em princípios que rejeitam a teoria objetivista, cujo expoente é a gramática gerativa. Tal semântica deve estar ancorada em fundamentos filosóficos que se possa adequar às descobertas que a ciência cognitiva vem produzindo em pesquisas recentes e que apontam para uma mente não-modular e para a centralidade da semântica, ao contrário do que postula o Gerativismo.

Se as faculdades cognitivas são mesmo interdependentes, o modo de estudar a linguagem muda radicalmente. Lakoff (em Pires de Oliveira, 2000) rejeita a distinção entre as *hard sciences* e ciências humanas e sociais, *soft sciences*. Ele aponta para a possibilidade de descobertas científicas nas ciências humanas, embora admita que nem tudo possam ser resumido ao científico. Um exemplo seria as análises de poemas efetuadas por ele e Turner, em *More Than Cool Reason* (op. cit.), em que a interpretação de metáforas poéticas se ancora nas metáforas conceituais que existem no sistema conceptual cotidiano.



Neste trabalho, aplico os resultados empíricos da SC (referentes ao estudo de sistemas conceituais e categorias), especificamente no campo de estudos da metáfora, na Análise do Discurso (doravante AD). A convergência destas duas disciplinas, ao invés de hierarquização, gera um poderoso mecanismo de análise da constituição da sociedade e, admitindo-se que há na sociedade relações de poder e de dominação (a sociedade é ideológica), a convergência dessas duas teorias deve também servir como possibilidade de emancipação.

A SC de Lakoff e a Análise Crítica do Discurso de Fairclough são tomadas como eixos norteadores neste trabalho; mas é preciso reconhecer que uma proposta mais detalhada exigiria um enriquecimento das considerações em ambos os lados.

Na primeira seção, trato dos fundamentos filosóficos da SC, dedicando uma subseção à metáfora experiencial. Na segunda seção, aponto para uma possível convergência ou cooperação entre a SC e AD, apresentando resultados de uma pesquisa anterior. Por fim, nas considerações finais, procuro vislumbrar o futuro e efeitos práticos que esta convergência pode surtir.

## 1. Fundamentos Filosóficos da Semântica Cognitiva

Esta seção não pretende nem pode ser um esboço exaustivo. É, antes de tudo, um rápido apanhado do corpo teórico-filosófico que surgiu como contraponto à Semântica e Sintaxe Formais, cujos princípios filosóficos, segundo a nova teoria, se mostravam inadequados.

A abordagem rejeitada, presente no Gerativismo e na Semântica Formal, segundo Lakoff (1987) e Putnam (apud Lakoff, 1987), se fundamenta numa visão de sentido dada nos seguintes termos: “Linguistic expressions and the concepts they express are symbolic structures, meaningless in themselves, that get their meaning via direct, unmediated correlation with things in the world (or possible worlds)”.

Para Putnam, o equívoco desta perspectiva, que ele chama de Realismo Metafísico, é adotar uma visão externalista, “uma visão de olhos divinos”, que postula uma única e correta descrição da realidade. Putnam defende uma visão internalista, denominada Realismo Interno: “there is no God’s eyes point of view that we can know or usefully imagine; there are only various points of view of actual persons reflecting various interests and purposes that their theories and description subserve” (apud Lakoff, 1987: 262). E ainda: “ ‘objects’ do not exist independently of conceptual schemes” (op. cit.: 262). Tal não nega que objetos existam, mas sim que o que é caracterizado como objeto de um certo tipo num esquema conceitual poderia ser caracterizado diferentemente em outro.

Lakoff e Johnson (1980) e Lakoff (1987) desenvolvem uma filosofia semelhante, que eles denominam Experiencialismo ou Realismo Experiencial. O Experiencialismo, assim como o Realismo Interno de Putnam, reconhece um Realismo básico (Lakoff, 1987): a) realidade do mundo independente dos seres humanos; b) limitações impostas por essa realidade aos nossos sistemas conceituais; c) concepção de realidade para além da coerência



interna; d) compromisso com a objetividade; e) uma visão de estabilidade da ciência. Mas introduz muitos elementos que negam a filosofia objetivista: a) o pensamento é corporificado, ou seja, as estruturas conceituais surgem da experiência e fazem sentido em torno dela; b) o pensamento é imaginativo, ou seja, conceitos formados na experiência usam metáfora, metonímia etc.; c) o pensamento possui propriedade de Gestalt e não é, então, atomístico; d) a eficiência do processamento cognitivo depende da estrutura geral do sistema conceitual e do que os conceitos significam isoladamente.

O objetivo é caracterizar o sentido em termos da natureza e experiência dos organismos que pensam, não apenas dos indivíduos, mas da espécie e das comunidades. Lakoff, porém, assinala que experiência tem que ser entendida de forma abrangente: “the totality of human experience and everything that plays a role in it – the nature of our bodies, our genetically inherited capacities, our modes of physical functioning in the world, our social organization etc.” (Lakoff, 1987: 206).

A tese central da filosofia experiencialista está no papel do corpo e sua interação com o mundo na constituição de nossos sistemas conceituais. A metáfora experiencial é uma das descobertas empíricas que impulsionaram o surgimento dessa filosofia. Como veremos a seguir, as generalizações que subjazem à metáfora estão em desarmonia com a visão clássica (objetivista) de linguagem e pensamento.

## 1.2. A Metáfora Experiencial

Para a teoria clássica, a metáfora pertence exclusivamente à linguagem (poética). Tal posição, embora não tenha sido sempre homogênea, era tomada como indiscutível até a década de 70. As pesquisas em SC, porém, levaram a uma visão bastante diferente. Procurando por generalizações que subjazem as expressões tradicionalmente definidas como metáfora – “a novel or poetic linguistic expression where one or more words for a concept are used outside of their normal conventional meaning to express a ‘similar’ concept” (Lakoff, 1993: 202) – demonstrou-se que a teoria clássica era inadequada. Nas palavras de Lakoff: “the generalizations governing poetic metaphoric expressions are not in language, but in thought: they are general mappings across conceptual domains. Moreover, these general principles which take the form of conceptual mappings, apply not just to novel poetic expressions, but to much of ordinary everyday language” (op. cit.: 203). Nessa nova teoria, as metáforas constituem nosso modo de agir, o que significa que muitas de nossas ações cotidianas são estruturadas metaforicamente (instituições e práticas sociais, leis etc., todos podem ter suas estruturas motivadas por metáforas conceituais). A descoberta de relações metafóricas sistemáticas adquire importância central, tanto para a SC como para a AD (na próxima seção, veremos como a AD pode trabalhar com os dados da SC).

O sistema conceitual subjacente à linguagem e às ações é, portanto, fundamentalmente metafórico. A linguagem cotidiana contém milhares de mapeamentos transdomínio conceituais e as metáforas poéticas ou novas são extensões desses mapeamentos convencionais. Por exemplo, a sentença “A bolsa de Nova Iorque despencou”



se estrutura no mapa metafórico que tem como domínio fonte as forças da gravidade e domínio alvo a economia. Embora ela se manifeste no termo *despencar*, trata-se de um mapeamento entre domínios da experiência. Em outras sentenças vamos encontrar outras expressões metafóricas que remetem ao mesmo mapeamento. Não se pode, portanto, ver estas expressões como metáforas isoladas, à maneira da teoria clássica.

Esses mapeamentos não são arbitrários, mas sim experiencialmente motivados, ou seja, surge, da experiência com o nosso próprio corpo e dele com o ambiente (físico e cultural). Não se pode, porém, atribuir a essa teoria uma perspectiva determinista da metáfora. Em Lakoff (1993: 241) vemos a distinção entre determinação e motivação: “Experiencial bases motivate metaphors, they do not predict them”.

## 2. Semântica Cognitiva e Análise do Discurso

Está fora do âmbito deste trabalho uma apresentação mais detalhada do modelo da Análise Crítica do Discurso proposta por Fairclough. Meu propósito é introduzir conceitos essenciais da teoria - discurso (uso da língua) como prática social e ideologia como relações de poder e dominação - para apresentar a possibilidade de convergir estas duas abordagens teóricas.

O termo Discurso significa, para Fairclough, o uso da língua como prática social, ao invés de uma atividade individual ou o reflexo de variáveis situacionais. Ou seja: a) discurso é um modo de ação assim como um modo de representação; b) existe uma relação dialética entre discurso e estrutura social – de um lado, o discurso é moldado e limitado pelas estruturas sociais e, de outro, o discurso é socialmente constitutivo, porque contribui para a constituição das estruturas sociais. Nas palavras de Fairclough: “Discourse is a practice not just of representing the world, but of signifying the world, constituting and constructing the world in meaning” (1994: 64). Não é muito diferente de dizer que a experiência (social) motiva o uso da língua (através da estruturação dos conceitos) e ao mesmo tempo o uso da língua (socialmente experienciado) reproduz a estrutura da sociedade.

O ponto de partida para a convergência entre a SC e a AD se encontra aqui. Já foi dito que o sentido é experienciado, que os conceitos são formados pela experiência, incluindo a experiência social. E esses conceitos, uma vez experiencialmente formados, motivam a nossa maneira de significar o mundo, já que o mundo não pode estar simplesmente pronto para ser objetivamente significado. Ora, se dissermos que a experiência social molda o discurso e que o discurso, por sua vez, significa e constrói o mundo em sentido, estamos usando termos em perfeita harmonia com a SC. O que precisa ficar mais claro é a mediação entre as estruturas sociais e o discurso, que é feita pelos sistemas conceituais.

É esta precisamente a tese da SC que diz que a relação entre realidade e a linguagem é mediada pelos conceitos. Quanto a SC estuda os sistemas conceituais – através do uso da língua – ela pode estar mostrando como funcionam as estruturas sociais, já que



elas (mas não somente elas, já que a experiência deve ser entendida num sentido mais amplo) desempenham um importante papel na estruturação dos conceitos. Por outro lado, um dos fundamentos da SC é que nossas ações são baseadas nos nossos esquemas conceituais, de modo que a língua/discurso reproduz e legitima estruturas sociais. As metáforas, como elemento central na constituição dos conceitos, também são motivadas pela experiência social e, uma vez estabelecidas, podem legitimar e reproduzir estruturas de poder.

Fairclough entende ideologia como “signification/construction of reality (the physical world, social relations, social identities), which are built into various dimensions of the form/meanings of discursive practices, and which contribute to the production, reproduction or transformation of relations of domination” (1994 :87). Estas relações são, segundo ele, mais eficazes quando são naturalizadas e alcançam o status de senso comum. Ele aponta, porém, que elas são sujeitas à transformação, proposta central da AD que esse trabalho tenta reforçar.

Se admitirmos que os sistemas conceituais (e especificamente as metáforas) refletem relações de dominação e ao mesmo tempo servem para naturalizá-las tornando-as senso comum, então os estudos em SC podem estar na base da AD. Conhecer os nossos sistemas conceituais, as nossas metáforas é o primeiro passo em direção da emancipação.

Em pesquisa anterior (Bittencourt, 2000) descrevi os mapeamentos metafóricos presentes em um editorial de economia que exemplificam como estes mapeamentos podem ser ideológicos. Uma delas é: ECONOMIA É UM OBJETO SUJEITO A FORÇAS NATURAIS (“a economia despencou”). O que há de ideológico na metáfora pode não ser as expressões metafóricas isoladas, mas as inferências que são preservadas do domínio conceptual origem. Assim, se as forças naturais não são manipuláveis, se elas são implacáveis, então a economia, a partir da metáfora acima, também o será. Ela não pertencerá mais ao domínio dos indivíduos. Portanto, nem governantes nem organizações internacionais seriam responsáveis pelas relações econômicas de dominação e poder, já que isso seria determinado pela natureza. A metáfora é, nesse caso, um mecanismo de legitimação da dominação, como qualquer outro presente em nossos sistemas conceituais (metonímia, categorização etc.) e adquire, então, status central também na AD.

### 3. Considerações Gerais

Um passo à frente do que acredito ter dado neste trabalho – ao propor que podemos investigar formas de dominação através de estudos sobre a constituição de nossos sistemas conceituais, via estudo das metáforas conceituais – é tentar vislumbrar como esses estudos poderiam servir como mecanismos de emancipação.

Seria um equívoco imaginar que mudando nossos sistemas conceituais e nossas metáforas, as relações de dominação estariam automaticamente anuladas. É preciso ter em mente que condições reais de dominação formam, em última análise, a base experiencial



para as metáforas ideológicas. As metáforas, por sua vez, podem naturalizar e legitimar essa realidade, estruturando práticas sociais de dominação e exclusão.

Ter consciência do sistema conceitual que dá caráter de naturalidade a estas relações é um passo no processo de emancipação. Se mudar as metáforas conceituais não garante uma alteração automática das condições reais de existência (já que admitimos que há uma realidade independente dos sistemas conceituais), elas podem pelo menos permitir vislumbrar alternativas, que produzam relações e práticas menos excludentes e mais justas.

**RESUMO:** *Este trabalho busca desenvolver uma convergência entre Semântica Cognitiva e Análise do Discurso. O trabalho é justificado pela hipótese de que a pesquisa científica da SC, como proposta por Lakoff (1987), pode auxiliar, se não for essencial, para os estudos em AD, tal qual desenvolvida por Fairclough (1994).*

**PALAVRAS-CHAVE:** *Semântica Cognitiva; Experiencialismo; Análise do Discurso; Metáfora; Ideologia.*

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BITTENCOURT, R. S. (2000, a ser publicado) Metáforas na manutenção de relações de poder. In: MEURER, J. L. (org.), *Gêneros textuais: Novos parâmetros discursivos para o ensino da linguagem*.
- FLAIRCLOUGH, N. (1994) *Discourse and Social Change*. Cambridge: Polity Press.
- LAKOFF, G. & M. JOHNSON (1980) *Metaphors We Live By*. Chicago: Chicago University Press.
- LAKOFF, G. & M. JOHNSON (1997) *Philosophy in the Flesh*.
- LAKOFF, G. (1987) *Women, Fire, and Dangerous Things: what categories reveal about the mind*. Chicago: University Press.
- \_\_\_\_ (1988) Cognitive Semantics. In: ECO, U., M. SAMTANBROGIO & PATRIGIA VIOLI (orgs.) *Meaning and Mental Representations*. Bloomington: Indiana University Press.
- \_\_\_\_ (1993) The Contemporary Theory of Metaphor. In: ORTONY, A (org.), *Metaphor and Thought*. 202-250. Cambridge: Cambridge University Press.
- PIRES DE OLIVEIRA, R. (2000). Language and ideology: an Interview with George Lakoff. In: René Dirven, Bruce Hawkins & Esra Sandikcioglu (eds.), *Language and Ideology I: Cognitive Theoretical Approaches*. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins.